

Clarice Lispector na obra de Conceição Evaristo

Clarice Lispector in the work of Conceição Evaristo

Adriana de Fátima Alexandrino Lima Barbosa¹

Resumo: Inspirada pela obra teórica e literária de Conceição Evaristo, pela reflexão que Florentina Souza (2021) realiza sobre a poesia de autoria de mulheres negras, pelo conceito de luz negra de Denise Ferreira da Silva (2023), pelo pensamento de Audre Lorde (2019) e pelo texto “O direito à literatura”, de Antonio Candido (2011), busco identificar e desenvolver alguns termos da relação que o poema de Conceição Evaristo “Pigmeia, Edmea e Macabéa” estabelece com o conto “A menor mulher do mundo” e o romance *A hora da estrela*, de Clarice Lispector e com o “Poema de sete faces”, de Carlos Drummond de Andrade. Neste texto, trago uma parte da pesquisa maior que está sendo desenvolvida no âmbito do grupo de pesquisa, Literatura e Corpo (Póslit/UnB).

Palavras-chave: Conceição Evaristo. Poesia. “Pigmeia, Edmea e Macabéa”.

Abstract: Inspired by the theoretical and literary work of Conceição Evaristo, by the reflections of Florentina Souza (2021) on poetry authored by Black women, by Denise Ferreira da Silva’s concept of ‘black light’ (2023), by the thoughts of Audre Lorde (2019), and by Antonio Candido’s essay “O direito à literatura” (2011), I aim to identify and develop certain terms in the relationship that Conceição Evaristo’s poem ‘Pigmeia, Edmea e Macabéa’ establishes with Clarice Lispector’s short story ‘The Smallest Woman in the World’ and the novel ‘The Hour of the Star’, as well as with Carlos Drummond de Andrade’s poem ‘Poema de sete faces’. This text represents a portion of a larger research project currently being developed within the research group Literature and Body (Póslit/UnB).

Keywords: Conceição Evaristo. Poetry. “Pigmeia, Edmea e Macabéa”.

¹ Doutora pela UFRJ. Professora de Literatura Brasileira do Departamento de Teoria literária e literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília. Líder do grupo de pesquisa Literatura e Corpo do Programa de Pós-Graduação em Literatura (PósLit/IL/UnB). E-mail: adriana.alexandrino@unb.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8347-7554>.

*Artigo recebido em 25 de junho de 2024 e aceito para publicação em 24 de setembro de 2024.



Por meio de citações e referências diretas ao poema de Drummond e a essas duas personagens canônicas da obra de Lispector, Pígemeia e Macabéa, o poema “Pígemeia, Edmea e Macabéa”, de Conceição Evaristo, tece uma rede de relações de contrapontos em que constatamos experiências diferentes do viver no mundo marcadas pela racialização branca e negra. Para colocar os termos em que podemos elaborar uma reflexão sobre essas diferenças, inicio lembrando as palavras da professora Florentina Souza (2021) em seu artigo *Escritas de mulheres negras: exercícios de escrevivência e de re(exis) (sis)tência.*:

A existência de uma poesia escrita por mulheres negras, poesia afrofeminina como define Ana Rita Santiago, ou ainda poesia feminina afrodiaspórica, literatura feminina amefricana, literatura feminina afro-brasileira podem sugerir nuances diversas da produção literária de mulheres negras, no entanto, por si só a existência desta produção se configura uma ruptura e uma insurgência contra discursos e práticas inferiorizantes e desumanizantes de que as mulheres negras têm sido alvo na tradição literária canônica brasileira (Souza, 2021, p. 42).

A professora ressalta, repetimos “por si só a existência dessa produção configura insurgência”. E a insurgência poética de Conceição Evaristo provoca descolamentos não apenas das formas de sentir e experienciar a vida, mas também reabre significados construídos pela fortuna crítica dessas obras.

Neste texto, então, estudo o poema de Conceição Evaristo, “Pígemeia, Edmea e Macabéa”, inicialmente trazendo alguns termos para estabelecer o contorno de referências teóricas e metodológicas. Depois identifico o diálogo com os textos de Drummond e Lispector para então tecer sentidos possíveis nesse contradiscurso Evaristiano.

Alguns termos da questão

Começar dizendo que esse contradiscurso da tradição literária brasileira na obra de Conceição Evaristo, *Poemas da recordação e outros movimentos* (2017), também é constituído por suas referências e dedicatórias a autores e autoras negras como Adão Ventura, Beatriz Nascimento, Léa Garcia, Abdias do Nascimento, Nei Lopes e Carolina Maria de Jesus com as quais a escritora cria uma constelação de influências que produz um sentimento de afinidade. No artigo “Da representação à auto-apresentação da Mulher



Negra na Literatura Brasileira”, Conceição Evaristo, ao pensar a mulher negra no cânone da literatura brasileira, cria para a literatura de autoria negra a expressão conceitual, “sujeito-mulher-negra”, para quem a prática da escrita faz ressoar lutas coletivas, vividas na experiência do **sujeito-mulher-negra** na sociedade brasileira:

Se há uma literatura que nos invisibiliza ou nos ficcionaliza a partir de estereótipos vários, há um outro discurso literário que pretende rasurar modos consagrados de representação da mulher negra na literatura. Assenhoreando-se “da pena”, objeto representativo do poder falo-cêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma auto-representação. Criam, então, uma literatura em que o corpo-mulher-negra deixa de ser o corpo do “outro” como objeto a ser descrito, para se impor como sujeito-mulher-negra que se descreve, a partir de uma subjetividade própria experimentada como mulher negra na sociedade brasileira. Pode-se dizer que o fazer literário das mulheres negras, para além de um sentido estético, busca semantizar um outro movimento, ou melhor, se inscreve no movimento a que abriga todas as nossas lutas. Toma-se o lugar da escrita, como direito, assim como se toma o lugar da vida (Evaristo, 2005, p. 54).

A associação direta entre escrita e vida reúne no ato da escrita a afirmação de sua subjetividade e de sua vida. No conceito sujeito-mulher-negra, Evaristo condensa a relação escrita e vida mobilizando assim o histórico coletivo de luta pela vida na sua construção literária e estética. Também quero ressaltar o aspecto coletivo da diáspora negra que sua expressão teórica e poética carrega, basta lembrar o poema de abertura de sua obra, intitulado “Recordar é preciso”, no qual já vemos um diálogo pelo contraponto com o verso de Fernando Pessoa, “Navegar é preciso”, lembro ainda, à título de exemplificação, do poema “Da conjuração dos versos”, já estudado anteriormente em nosso artigo “Luz negra nos caminhos: Uma análise do corpo/subjetividade em poemas de Conceição Evaristo” (2024).

Como primeiro ponto importante para pensar a questão, portanto, temos a observação de que a obra poética de Conceição Evaristo não apenas cria um diálogo com nomes icônicos da poesia canônica escolar brasileira, mas também constrói uma constelação de autoria negra – revelando uma tradição literária negra incorporada em sua poesia.

Em um segundo ponto da argumentação, apresento o modo como Denise Ferreira da Silva identificou o conceito de leuz negra em sua leitura do trabalho de arte *Majmua*, de Madiha Sikander:



Com a interpretação feminista negra que se segue, do trabalho *Majmua*, de Madiha Sikander, eu viso a uma proposição teórica que se detém na matéria da obra, sem, todavia, dotar o material de atributos associados a outras causas, tais como finalidade e eficácia. Essa interpretação poética aborda o trabalho de arte, *Majmua*, como uma composição cujos componentes também incluem, por exemplo, a intenção da artista, sem, contudo, serem determinados por ela. Pois o que a interpretação faz é mover-se de modo a considerar se (e em caso afirmativo, como) os componentes do trabalho de arte, abordados em estado bruto – isto é, como matéria, que se contempla simultaneamente enquanto real e virtual – anunciam o caminho rumo a um tipo de reflexão que evita as premissas coloniais e raciais inerentes a conceitos e formulações pressupostos nas estratégias existentes no comentário crítico sobre arte (Silva, 2019, p. 46).

Com essa elaboração metodológica de Denise Ferreira da Silva, temos buscado abordar os elementos da poética de Conceição Evaristo em estado bruto, com o olhar crítico menos carregado por todo o peso da crítica especializada de Drummond e Lispector, embora tenhamos sido formadas por essa tradição crítica, que não podemos desconsiderar. Mobilizada pela docência e orientação na pós-graduação trabalho com abertura para reconstruir visões críticas, considerando os aprendizados que surgem com a pesquisa. Concordando com bell hooks (2019, p. 273), em seu *Ensinando a transgredir*, é preciso pensar o ensino como campo de possibilidades, tendo a mente aberta para admitir a realidade e imaginar coletivamente maneiras de ultrapassar obstáculos para viver uma prática educacional engajada, capaz de construir liberdade.

O conceito de luz negra, de Denise Ferreira da Silva, parece ressoar de modo muito afinado com o que percebo dos procedimentos artísticos que Conceição Evaristo cria ao condensar os planos intelectuais e conceituais acionados nas citações e trechos das obras de Drummond e Clarice Lispector neste poema que vamos ler em seguida. Vejamos, para completar a referência ao conceito de luz negra, como Denise Ferreira da Silva explica o efeito da luz negra sobre um objeto de arte:

Uma vez liberada pela luz negra, a matéria torna-se disponível para algo que pode ser denominado recodificação – o que, no caso de células significa, via de regra, uma reprodução letal e desgovernada ou, para práticas compositivas que, como em uma leitura de tarot, por exemplo, não mantêm o material que combinam subjugado à



forma (figura ou formato) mediante a qual o apreendem. Em outras palavras, a matéria torna-se disponível a interpretações *poéticas*, ao tipo de re/de/composição que não mobiliza os pilares onto-epistemológicos do pensamento moderno... (Silva, 2019, p. 47-48).

Entendemos que a elaboração poética de Conceição Evaristo pela sua própria existência e capacidade de elaboração crítica e artística faz vir à tona, em sua construção poética sobre o material que recolhe desses autores uma forma, finíssima e sofisticada, de continuar a leitura que fez dessas obras.

Devo admitir antes de continuar que devo muito aos ensinamentos sobre literatura do ensaio “Direito à literatura”, de Antonio Candido, “Poesia não é um luxo” e a “Transformação do silêncio em linguagem e em ação”, de Audre Lorde (2019) e do “Como ler um poema”, do poeta argentino Hugo Padeletti (2024). Lembro a ideia de poesia como iluminação de Audre Lorde em “A poesia não é um luxo”:

é através da poesia que damos nome àquelas ideias que, antes do poema, não tem nome nem forma, que estão para nascer, mas já são sentidas. Essa destilação da experiência da qual brota a verdadeira poesia faz nascer o pensamento, tal como o sonho faz nascer o conceito, tal como o conhecimento faz nascer (antecede) a compreensão (Lorde, 2019, p. 45).

Acredito que a iluminação negra na poesia de Conceição Evaristo surge primeiramente de sua leitura dessas obras e depois de como ela destila a experiência dessa leitura na criação de seus próprios poemas. Estou imaginando aqui esse exame investigativo, feito por Conceição Evaristo em sua leitura desses clássicos brasileiros. A leitura que faz – os modos como cria relações de conceitos entre as imaginações produzidas pelas obras de Clarice Lispector e Carlos Drummond sobre os sentimentos e experiências negras fazem brilhar um tipo de reflexão que nos coloca diante dos processos de racialização e de sexismo não pelo viés da epistemologia dessas palavras, mas de como são sentidas e vivenciadas na imaginação poética criada nos poemas de Evaristo.

Ou seja, como toda literatura, ensina Antonio Candido (2011, p. 177), no “Direito à literatura”, a literatura confirma a pessoa em sua humanidade, educando pela sensibilidade e produzindo um sentimento de pertença à sua comunidade, uma vez que todos os povos, cada sociedade cria suas manifestações artísticas da palavra. No caso da humanidade construída pelos poemas de Evaristo, o aprendizado vai ser distinto para a pessoa branca e a



negra. No caso da poesia de Evaristo, a educação da sensibilidade vai colocar a pessoa branca diante de uma experiência de vida radicalmente diferente. E essa diferença é atravessada pelo racismo.

Assim, a sensibilidade despertada pelo poema tem um potencial de produzir uma noção do lugar privilegiado da pessoa branca numa sociedade racista e o pensamento do quanto injusto é esse lugar. E, com Candido, como a literatura educa pela sensibilidade, poderá produzir sentimentos de empatia e solidariedade e, conseqüentemente, de horror às ilusões da democracia racial, desmascarada. Daí, pode a leitura do poema ensinar a entender mais profundamente, com Florentina Souza, que a construção literária da mulher negra é ato de resistência e de re-existência.

Importa perceber que não se trata de fazer acusações à obra de Clarice Lispector e Carlos Drummond, mas sim de reconhecer como nessas obras, largamente reconhecidas por seu mais refinado apuro artístico, estão configuradas imagens do Brasil em toda sua complexidade incluindo a racial, talvez como o aspecto mais carne e osso de nossa sociabilidade. Carne e osso cobertos pela pele do mito da democracia racial que a leitura, luz negra, produção estética de Conceição Evaristo desmascara da maneira mais refinada e sofisticada possível. A sua resposta é poesia, seu grito é poético, sua arma é literária. De modo que, sob a luz negra do jogo de pontos de vistas branco e negro que o poema de Conceição faz brilhar, percebemos pelas correspondências entre as obras um reaprendizado do olhar e do sentir que nos abre os olhos para os processos de racialização negativa e positiva na nossa sociedade racista.

Para completar o conjunto de referências metodológicas, trago o poeta argentino Hugo Padeletti (2024), que, em seu ensaio, “Como ler um poema”, traz elementos básicos e bastante influentes na leitura que estou fazendo aqui. Padeletti, neste texto, faz uma comparação instigante da história do sábio budista e o erudito ocidental com a leitura do poema, “Não só o significado do budismo requer uma mente vazia ou esvaziada, mas também o significado de um poema. Quando vou ler um poema, eu o faço com a mente livre de preconceitos”, e busco apreender como o poema configura conceitos, imagens e sons. Percebemos que as ideias de Padeletti se afinam com o conceito de estado bruto de Denise Ferreira da Silva e com as ideias de Candido e Audre Lorde trazidas anteriormente. Com essa rede de ideias para construir a metodologia de leitura, sigo agora finalmente para o estudo do poema.



Leitura do poema, primeiras impressões

Leiamos, então o poema, “Pigmeia, Edmea e Macabéa”:

Se Raimundo
rimando com mundo
não é a solução,
Pigmeia, Edmea e Macabéa,
nomes mulheres, versejam
entre si fêmeas rimas
na vastidão do mundo.

A menor do mundo – Pigmeia – encravada no
fundo de uma África.

(Continente que propositalmente
alguns afirmam não ter solução.)

Edmea – Uma bala cravada na vida –
morte na denúncia da morte dos seus.

(Mães de Acari, corpos continentes
agredidos, filhos desaparecidos.)

E você, Macabéa, Pigmeia, Edmea?

Ser feliz para quê?

Ser feliz como, Macabéa?

Pigmeia, Edmea e Macabéa,
rimas pobres,
pigmeias áfricas,
negras edmeas,
nordestinas macabeas.

Rimas mulheres
desafiando o macho cancionista
organizador dos sons disrímicos
do mundo (Evaristo, 2007, p. 96-97).

Os três nomes de mulheres do título rimam e dois deles nos remetem diretamente a duas obras de Clarice Lispector: *A hora da estrela* (1977) e o conto “A menor mulher do mundo”, de *Laços de família* (1960). Porém essa relação com a obra de Clarice, no título muito evidente, aparece no poema encaixada numa citação à sexta estrofe do “Poema de sete faces”, de Drummond:

Mundo, mundo, vasto mundo

Se eu me chamasse Raimundo



Seria uma rima, não seria uma solução

Mundo, mundo, vasto mundo

Mais vasto é meu coração (Andrade, 1979, p. 70).

O poema de Evaristo, então, conduz um jogo de conceitos, cada um vindo de um lugar, mas um encaixado no outro. A rima mundo/Raimundo não é solução no poema de Drummond e reaparece no poema de Conceição como rimas de nomes de mulheres, referências a personagens e a uma pessoa real, Edmea. O poema cria um ambiente em que essas “rimas pobres” construídas com essas três referências criam a riqueza do poema, a legitimidade de suas vidas, a vida de suas potências. Essa é a proposição inicial do poema.

Outro jogo conceitual que pode vir dessa premissa inicial proposta pelo poema faz pensar que se chamar Raimundo, para o poema de Drummond, não é solução e o que significa chamar-se Pigmeia, Edmea e Macabéa? O poema de Evaristo responde que seus nomes versejam na vastidão do mundo, “Pigmeia, Edmea e Macabéa/nomes de mulheres, versejam/entre si fêmeas rimas/na vastidão do mundo”. Simplesmente existem e versejam no mundo. Lembrando que a afirmação desse existir é ato de resistência e de re-existência. A subjetividade da poeta olha para a vastidão do mundo e nele faz rimar os três nomes de mulheres, acolhe as três mulheres em seus destinos interrompidos, atropelados, subjugados.

As rimas do verso “Pigmeia, Edmea e Macabéa” organizam sons que desafiam o mundo disrítmico nele colocando uma ordem rítmica. Seria essa ordem uma solução? Pelo menos para a história de cada uma delas o poema parece fazer a justiça possível, uma justiça que para existir primeiro tem que ser imaginada, sendo concebida, portanto, primeiro na e pela palavra poética. No poema, a história dessas personagens/mulheres é recuperada, reafirmada, a humanidade delas persiste. Elas são legitimadas em seus destinos de desafiar o que o mundo oferece a elas, rindo, perguntando, desmascarando autores.

“Como uma caixa dentro de uma caixa dentro de uma caixa”, Evaristo conjuga as duas referências trazendo já a relação com a história narrada no conto “A menor mulher do mundo”, em que, vocês hão de lembrar, é narrada em terceira pessoa a história da expedição de um explorador francês, Michel Pretre, a uma distante “tribo” dos menores pigmeus do mundo no Congo Central. A história se desenrola a partir do encontro do explorador com a menor mulher do mundo:



No Congo central descobriu realmente os menores pigmeus do mundo. E – como uma caixa dentro de uma caixa, dentro de uma caixa – entre os menores pigmeus do mundo estava o menor dos menores pigmeus do mundo... Entre mosquitos e árvores mornas de umidade, entre as folhas ricas do verde mais preguiçoso, Marcel Pretre defrontou-se com uma mulher de quarenta e cinco centímetros, madura, negra, calada. “Escura como um macaco”, informaria ele à imprensa, e que vivia no topo de uma árvore com seu pequeno concubino. Nos tópicos humores silvestres, que arredondam cedo as frutas e lhes dão uma quase intolerável doçura ao paladar, ela estava grávida (Lispector, 1995, p. 87-28).

Interessante notar o processo de estilização, no poema de Evaristo, do mesmo procedimento artístico já utilizado por Clarice Lispector, a técnica do encaixe, como bem explicou Neide Resende (1996, p. 39), “A narrativa encaixante é a história que se desenrola no interior da África e se divide em duas partes, encaixando entre elas o grupo de cenas familiares e urbanas que forma as outras narrativas”. A estrutura de caixa dentro da caixa reaparece no poema de Conceição Evaristo também como procedimento com o encaixe de referências, a referência à obra de Lispector encaixada na referência à obra de Drummond. Isso porque, como já ficou dito, a referência a Drummond abre o poema que, na segunda estrofe, vai desenvolver as referências a Lispector e somar a essas duas referências literárias, uma história da vida real, a história de Edmea, que ficou conhecida como Chacina de Acari. E, na terceira estrofe, a última, o fecho do poema com uma síntese sobre o conceito de Drummond de rima, retomando e concluindo sua tomada de posição artística sobre a rima e de postura ética sobre os destinos individuais e coletivos dessas referências – mulheres.

A primeira e a terceira estrofes, de abertura e fechamento do poema iluminam, com seu incansável destilar da experiência da leitura desse poema de Drummond, esse conceito de que mundo/Raimundo, embora seja uma rima, não é solução. Como já dito, a subjetividade poética, sujeito-mulher-negra, da poeta rima os nomes dessas três mulheres e suas experiências no vasto mundo, em contraponto ao conceito do poeta nesta estrofe de seu poema. Na primeira estrofe do poema de Evaristo, o contraponto se dá por “Pigmeia, Edmea e Macabéa/nomes de mulheres, versem/entre si fêmeas rimas/na vastidão do mundo” e na terceira estrofe, “Pigmeia, Edmea e Macabéa/rimas pobres, pigméias áfricas, negras edmeas, nordestinas macabeas./Rimas mulheres” (EVARISTO, 2007, p. 96-97).



Na segunda estrofe, teremos novamente o uso da técnica do encaixe em que a história de Pigmeia se conecta à de Edmea e à de Macabéa. Com Edmea, o poema nos faz pesquisar/lembrar do episódio conhecido como Chacina do Acari, que culminou com o assassinato de Edmea e sobrinha numa emboscada em quinze de novembro de 1993, provavelmente como represália a sua atuação no movimento conhecido como Mães de Acari em que elas denunciavam o sequestro de seus filhos, onze jovens, sete deles adolescentes em 1990. Com Edmea, o poema caminha da visão tida por “alguns” de uma África sem solução para a visão do poema de um Brasil sem solução, que assiste de modo apático ao genocídio do povo negro sem que isso cause uma revolta social, o que seria o esperado diante de tal brutalidade diária, “Edmea – Uma bala cravada na vida -./morte na denúncia da morte dos seus./ (Mães de Acari, corpos continentes/agredidos, filhos desaparecidos).

E aqui o perfeito encaixe do continente agredido, Pigmeia, com Edmea – corpo agredido. Um corpo, todo o continente. Esse encaixe de símiles mobiliza o histórico da diáspora negra no capitalismo. A racialização como elemento para subjugar, para explorar, para matar. O assassinato do povo preto é algo assustadoramente naturalizado na sociedade brasileira com aval de todas as instituições de justiça. Denise Ferreira da Silva, no artigo “Ninguém: direito, racialidade e violência” (2014) aponta e discute profundamente essa anormalidade naturalizada.

Os três últimos versos da segunda estrofe encadeiam perguntas sobre a felicidade para essas mulheres. “E você, Macabéa, Pigmeia, Edmea?/ Ser feliz para quê?/ Ser feliz como, Macabéa?” (p. 96). Reparo que a ordem dos nomes neste verso é alterada, iniciando com Macabéa, mas a união entre os nomes não é quebrada. E aqui lembro o trecho em que Rodrigo ao descrever um instante de felicidade de Macabéa lhe tolhe a possibilidade de querer outro momento feliz. E de dentro da dialética da relação que Rodrigo cria com sua personagem, identificamos quase que um traço sádico ao pensar que ela deve se contentar uma migalha de felicidade:

Devo registrar aqui uma alegria. É que a moça num aflitivo domingo sem farofa teve uma inesperada felicidade que era inexplicável: no cais do porto viu um arco-íris. Experimentando o leve êxtase, ambicionou logo outro: queria ver, como uma vez em Maceió, espocarem mudos fogos de artifício. Ela quis mais porque uma verdade que quando se dá a mão, essa gentinha quer todo o resto, o zé-povinho sonha com fome de tudo. E quer mas sem direito algum, pois não é? Não havia meio – pelo menos eu não posso – de obter os multiplicantes brilhos em chuva chuveiro dos fogos de artifício (Lispector, 1995, p. 51).



Alguns dos mais cruéis estereótipos racistas aparecem no conto seja pela perspectiva do explorador francês, seja pela perspectiva das famílias urbanas brancas de classe média que veem no jornal a fotografia da menor mulher do mundo, grávida - “racinha de gente” (p. 88), “parecia um cachorro” (p. 89); “escura como um macaco” (p. 92); “bebê preto menor do mundo” (p. 93); “seu roso bestial” (p. 94). Nos processos narrativos de Clarice Lispector, vemos como é fruto de mobilizações profundas de desejos e recalques sombrios o poder de dizer impunemente, levianamente, corriqueiramente essas expressões.

Observo ainda que a expressão “racinha de gente” aparece em “A menor mulher do mundo” (Lispector, 1995, p. 88) e em *A hora da estrela* como vimos na citação anterior (Lispector, 1995, p. 51). Ou seja, a “racinha de gente” refere as nordestinas, enquanto no conto refere ao povo “menor do mundo”, no centro do centro da África. No poema de Conceição Evaristo, uma conectada a outra, o verso repete, “Pigmeia, Edmea, Macabéa”, fazendo com que os três nomes de mulheres rimem também em suas dores em um mundo, todo feito contra elas. Rimam, no poema de Conceição Evaristo, a vizinhança que se protege de toda essa falação branca violenta e desumanizadora.

Como numa rede de apoio, a subjetividade poética enlaça no poema seus nomes um do lado do outro, rimas mulheres, rimas pobres, rimas contra o som disrímico desse mundo inóspito onde são faladas, limitadas, catalogadas, expostas, silenciadas e mortas no mais das vezes, infelizmente ainda, impunemente. Vimos recentemente a notícia, de abril deste ano, que os quatro policiais militares acusados pelas mortes de Edmea e sua sobrinha haviam sido absolvidos das acusações pela “justiça” do Rio de Janeiro. Com mais esse indício da “justiça” desse nosso mundo capitalista, racista, machista, o poema redobra sua força de significar nossa sociabilidade.

Mais um degrau de aprofundamento

Após recolha desses elementos que surgiram nas considerações iniciais da leitura do poema motivadas pelos jogos conceituais que são criados com o uso das citações diretas, seguimos agora para uma etapa de aprofundamento do estudo que considere aspectos formais da composição do poema. Percebemos que o poema é composto de três estrofes, cada uma com sete, onze e nove versos. A composição é de versos livres com ritmo marcado pela repetição do verso decassílabo do título, “Pigmeia, Edmea



e Macabéa”. O fraseado do poema em sua articulação sintática do mundo conceitual presente nos versos que individualizam cada uma delas também promove uma estrutura de paralelismos sintáticos que constroem ritmo.

Vale a observação de que a estrutura sintática dos versos é imagem do elemento terciário da estrutura dos nomes das mulheres, justapondo seus desenvolvimentos individuais com base no número três. Na segunda e terceira estrofes, cada um desses desenvolvimentos individualizados é encaixando com apoio de sinais de pontuação parênteses e travessões. Nas estrofes de abertura e fechamento do poema os três nomes aparecem unidos no verso do título. O número três reverbera no poema em três estrofes, três referências de mulheres, três referências de obras, três gêneros citados (poema, conto, romance).

Como já observado nas considerações iniciais, na abertura do poema, a subjetividade poética lança uma proposição conceitual que apresenta uma tomada de posição e um deslocamento do conceito anterior de Drummond, abertamente citado, “Se Raimundo/ rimando com mundo/não é a solução,/ Pigmeia, Edmea e Macabéa,/nomes mulheres, versejam/entre si fêmeas rimas/na vastidão do mundo”. A sintaxe de uma oração só para toda a estrofe nos oferece um contraponto de conceitos, de pontos de vista, de experiências em relação ao poema de Drummond. A relação com Raimundo no poema de Drummond é de distanciamento, de antagonismo e no poema de Conceição Evaristo, o movimento provocado pela união dos três nomes de mulheres é de aproximação, acolhimento, compreensão. A subjetividade poética está aproximada do sentir dessas mulheres, fica presente um sentimento de vizinhança amorosa, uma compreensão íntima de suas experiências.

O desenvolvimento da proposição da primeira estrofe, como já ressaltamos anteriormente, é feito com as estruturas sintáticas da segunda estrofe animadas por parênteses, travessões e interrogações. É quando surgem explicações de episódios determinantes da vida de cada uma delas. Nos quatro primeiros versos dedicados a Pigmeia lemos o jogo de visões sobre Pigmeia/África, “A menor do mundo – Pigmeia – encravada no/ fundo de uma África./(Continente que propositalmente/alguns afirmam não ter solução.)” Fica a apresentação de Pigmeia feita como acontece no conto, vista de fora, pelos olhos de alguns – o que sugere a diferença que pode haver com o olhar da subjetividade poética, realçada pelo uso dos parênteses. Os parênteses indicam essa visão própria sobre a visão colocada no verso bárbaro, único do poema, que recupera, do ponto de vista do conto de Lispector, o modo como a personagem da menor mulher do mundo é apresentada no conto, ou seja, ela é apresentada do ponto de vista do “explorador” francês.



Edmea, nos quatro versos seguintes, é referenciada pela explicação em forma de epíteto, “Edmea – Uma bala encravada na vida –/morte na denúncia da morte dos seus/(Mães de Acari, corpos continentes/agredidos, filhos desaparecidos.)”. A repetição da palavra “encravada” enseja um desdobrar da mesma situação em diferentes destinos, Pigmaia encravada no fundo de “uma África” e Edmea com uma bala encravada na vida. O primeiro encravar remete à estereotipia, o segundo à noção da violência legitimada contra o povo negro. Nos versos sobre Edmea, a possível bala encravada na vida do filho se encaixa na bala encravada na sua vida ao denunciar a morte de seu filho pelos PMs.

A construção de encaixes desdobra camadas de sentidos sobre a realidade da violência policial emparelhada com a violência colonial. O uso dos parênteses e do travessão parece realçar o deslocamento entre os mundos dos fatos e o dos versos, entre o mundo do pensamento branco e o do pensamento negro sobre a mesma situação. O diálogo dos conceitos elaborado no poema nos apresenta as construções discursivas como produções da racialização branca supremacista.

Quanto a Macabéa, os versos emparelham duas perguntas, “Ser feliz para quê?/Ser feliz como, Macabéa?”. Interessante que antes desse dístico final na segunda estrofe, temos um verso que reúne as três, “E você, Macabéa, Pigmaia, Edmea?”. No contexto que estivemos levantando de a subjetividade poética estabelecer uma proximidade com essas mulheres no poema, vemos que essas perguntas mostram o interesse da sujeita poética em escutar o que elas têm a dizer.

A terceira estrofe composta por duas frases – conduz o fechamento do poema, retomando o conceito da rima do poema de Drummond pelo contraponto, “Pigmaia, Edmea e Macabéa,/rimas pobres”, mas a impressão rítmica será marcada logo a seguir pela estrutura que se repete três vezes cada uma com uma substantivação, “pigmaias áfricas,/negras edmeas,/nordestinas macabeas.”. Esse procedimento de substantivação amplia as experiências individuais para uma massificação de suas experiências, que fica ainda mais aparente pelo uso aproximado do metro das redondilhas nos três versos – numa variação entre a menor e a maior.

Essa substantivação mostra que não se trata apenas da história de Pigmaia, mas da história de áfricas, não “uma” África como colocado no segundo verso da segunda estrofe, mas áfricas, “A menor do mundo/- Pigmaia – encravada no/fundo de uma África”, sendo o primeiro desses dois versos o maior do poema inteiro com catorze sílabas poéticas, materializando o metro bárbaro, com mais de doze sílabas poéticas, aspecto já comentado



acima. Fica a ideia de que o ponto de vista do explorador francês é que é bárbaro – ocorrendo aqui uma inversão do binômio civilização/barbárie tão consequente com a visão colonial/colonizadora. O verso bárbaro apresenta a visão colonial de “uma África”, inventada pela fantasia colonial.

Nessa sequência o segundo verso, “negras edmeas”, mostra a relação com a condição humana da maioria das mulheres negras no Brasil, o risco de violência iminente e, em seguida, “nordestinas macabéas”, por sua vez com seu marcador social negativo, ser nordestina. Finalmente, o fecho “Rimas mulheres/desafiando o macho cancionista/organizador dos sons disrítmicos/do mundo”. Frase na ordem sintática direta encerrando com assertividade a proposição da subjetividade poética sobre a questão do conceito de Drummond de a rima mundo/Raimundo não ser solução.

Concluir esse texto sabendo que a pesquisa continua

Esses jogos de conceitos que estivemos investigando contrabalançam e repercutem reciprocamente o real, o poético e o simbólico no poema “Pigmeia, Edmea e Macabéa”, de Conceição Evaristo. Esse traçar de correlações ilumina com sua luz negra, com seu destilar da experiência da leitura dessas obras clássicas da literatura brasileira, o “Poema de sete faces” de Drummond, o conto “A menor mulher do mundo” e o romance *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, meandros e camadas das nossas relações étnico-raciais porque o poema de Evaristo apresenta o choque das visões de mundo atravessado pela racialização em suas manobras positiva e negativa.

Foi possível explorar, nesse texto, como o poema de Evaristo enseja camadas de significações que nos permitem pensar/imaginar as situações específicas e singulares de Pigmeia, Edmea e Macabea e seus pontos de vista que estão nas antípodas do ponto de vista hegemônico da branquitude. A experiência dessa iluminação negra nos faz enxergar, por meio de seus procedimentos literários, essas experiências massacradas e massificadas – afinal o poema nos mostra em seu fecho que está falando de pigmeias, edmeas e macabeas. Experiências da maioria das mulheres no Brasil colocadas na condição de áfricas tornadas exóticas, de pessoas em luta diária contra a morte, contra o genocídio e, afinal, a situação das nordestinas e os estereótipos que as envolvem a todas.

No poema, a humanidade dessas mulheres é ressaltada – o verso, título, que reaparece no poema, “Pigmeia, Edmea, Macabéa” cria um ritmo do laço de solidariedade. É construída nessa repetição uma vizinhança entre



elas criada pela sujeita poética que as escuta, as acolhe e também as vinga ao torná-las rimas mulheres que desafiam as naturalizações do racismo e do genocídio de jovens negros que ganham um ambiente poético de contraposição, resistência e re-existência. Pela poesia de Conceição Evaristo, a luta diária entra na ordem poética e se coloca lado a lado dos grandes nomes e temas da literatura brasileira.

Finalizar lembrando a afirmação de Conceição Evaristo (2005, p. 54) no início deste texto, “se há uma literatura que nos invisibiliza ou nos ficcionaliza a partir de estereótipos vários, há um outro discurso literário que pretende rasurar modos consagrados de representação da mulher negra na literatura”. Esse outro discurso literário é de sua autoria e de mais uma longa tradição da autoria negra na literatura brasileira que ela reúne em sua poética. A sua voz literária, potente de seu lugar de sujeito-mulher-negra, constrói uma poesia que recupera, desafia e interpela conceitos trabalhados em imaginações literárias canônicas e nas histórias das chacinas do Brasil real, ativando, por seu apurado talento literário, a correlação entre literatura e vida pelas vias da imaginação e da sensibilidade com que vivenciamos racismo e sexismo no Brasil.

Referências

- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979.
- BARBOSA, Adriana de Fátima Alexandrino Lima; CARDOSO, Loyde; GOMES, Lilian Barros. Luz negra nos caminhos: uma análise do corpo/subjetividade em poemas de Conceição Evaristo. **Revista Fórum Identidades**, Itabaiana-SE, v. 38, n. 1, p. 193-205, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/forumidentidades/article/view/v38p193>.
- CANDIDO, Antonio. Direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.
- EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. 1996. 141 p. Mestrado em Literatura Brasileira. PUC: Rio de Janeiro.
- EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira. **Revista Palmares**. Fundação cultural Palmares. Ano 1. n.1, p. 52-57. 2005. Disponível em: <https://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/52%20a%2057.pdf>. Acesso em: 07 de jul. 2024.
- EVARISTO, Conceição. Literatura Negra: Uma poética da nossa afro-brasilidade. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365>. Acesso em: 07 de jul. 2024.



EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2007.

Justiça do RJ absolve PMs acusados das mortes de Mãe de Acari e sobrinha. **Portal G1**, 05/04/2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2024/04/05/justica-do-rj-absolve-pms-acusados-das-mortes-de-mae-de-acari-e-sobrinha.ghtml>. Acesso em: 07 de jul. 2024.

ILHÉU, Thais. Quem é o escritor mais cobrado no ENEM. **Guia do estudante**. 5/10/2023. Editora Abril. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/enem/quem-e-o-escritor-mais-cobrado-no-enem>. Acesso em: 07 de jul. 2024.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. 23. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

LISPECTOR, Clarice. **Laços de família**. 28. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

LORDE, Audre, Poesia não é luxo. In: LORDE, Audre. **Irmã Outsider: ensaios e conferências**. Tradução de Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

PADELETTI, Hugo. **Como ler um poema**. Tradução de Florencia Guzzetti. Caderno de Leituras n. 171. Belo Horizonte: Edições Chão da Feira, 2024. Disponível em: <https://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2024/03/cad.171-Como-ler-um-poema.pdf>. Acesso em: 07 de jul. 2024.

RESENDE, Neide Luzia de. A problematização da alteridade no conto “A menor mulher do mundo” de Clarice Lispector. **Magma** – Revista dos Alunos de Teoria Literária e Literatura Comparada (PPG TLLC-USP). n. 3, p. 37-44, 1996. Disponível em: <https://revistas.usp.br/magma/article/view/85916>. Acesso em: 07 de jul. 2024.

SILVA, Denise Ferreira da. Ninguém. Direito, racialidade e violência. **Meritum**, Belo Horizonte, v. 9, nº 01 – janeiro/junho, p. 67-119, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.46560/meritum.v9i1.2492>. <http://revista.fumec.br/index.php/meritum/issue/view/203>. Acesso em: 07 de jul. 2024.

SILVA, Denise Ferreira da; OTOCH, Janaina Nagata. Em estado bruto. **ARS**, v. 17, n. 36, p. 45-56, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ars/article/view/158811>. Acesso em: 30 maio. 2023.

SOUZA, Florentina da Silva. Escritas de mulheres negras: exercícios de escrevivência e de re(exis) (sis)tência. **Revista Cerrados**, 30(57), p. 41-50, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/38376/32669>. Acesso em: 07 de jul. 2024.

